

A QUESTÃO DA FINITUDE E O PENSAMENTO ESTÉTICO MUSICAL NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

COSTA, Rafaella Silveira Sucupira da¹

Resumo: O objetivo principal deste artigo é compreender o problema da finitude no âmbito do pensamento estético musical da filosofia de Nietzsche. Mais especificamente, pretendemos entender a interpretação estético musical da existência na filosofia nietzschiana com o viés do problema da finitude. Nossa hipótese é que o conceito de *música* tem a função, na filosofia de Friedrich Nietzsche, de afirmação da vida, visto que esse conceito assume o papel de criador da vida enquanto possibilidade de redenção da existência e da dor da finitude. Para esse fim, dividimos essa investigação em três seções. Primeiramente, *O espírito de vingança, o conceito de redenção e a questão da finitude*. Em seguida, *O aspecto criador da música: do espírito de vingança à abertura para ouvir aquilo que é silenciado pelo cotidiano*. E por fim, *A redenção estético musical da existência*. Considerando, portanto, essa problemática nossa investigação se fundamenta nas obras de Nietzsche, sobretudo, em *Assim falou Zaratustra*. Mas, além das obras do autor aqui em questão nos baseamos em algumas obras de comentadores com fins a melhor compreendermos o problema da finitude no limite do pensamento estético musical do filósofo alemão Nietzsche. A título de exemplo, trabalhamos com as seguintes obras secundárias: *O pensamento musical de Nietzsche* de Fernando de Moraes Barros e *Nietzsche e a música* de Rosa Maria Dias.

Palavras-chave: Finitude. Música. Existência.

¹ Universidade Federal da Paraíba, estudante de mestrado. E-mail: rafaellasilveir@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O tema principal do presente artigo é o problema da finitude no âmbito do pensamento estético musical da filosofia de Friedrich Nietzsche (1844-1900). Mais especificamente, pretendemos entender a interpretação estético musical da existência na filosofia do filósofo alemão Nietzsche com o viés do problema da finitude. Nossa hipótese é que o conceito de *música* tem a função, na filosofia nietzscheana, de afirmação da vida, visto que esse conceito assume o papel de criador da vida enquanto possibilidade de redenção da existência e como superação da dor da finitude. A fim de corroborar com a nossa hipótese nos baseamos em algumas obras do filósofo alemão Nietzsche, como exemplo: *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém* e *O caso Wagner: um problema para músicos*. E além das obras do autor em questão nos fundamentamos na seguintes obras secundárias: *Nietzsche e a música* de Rosa Maria Dias, *Espírito de vingança e redenção da vontade em Assim falou Zaratustra* de Robson Cordeiro Costa e *O pensamento musical de Nietzsche* de Fernando de Moraes Barros.

Para esse fim, dividiremos o presente artigo em três seções. Na primeira seção, denominada *O espírito de vingança, o conceito de redenção e a questão da finitude*, pretendemos compreender os conceitos de *espírito de vingança*, de *redenção* e de *finitude*. Em seguida, na segunda seção, intitulada *O aspecto criador da música: do espírito de vingança à abertura para ouvir aquilo que é silenciado pelo cotidiano*, objetivamos entender o percurso argumentativo da obra *Assim falou Zaratustra* (do espírito de vingança à redenção). No entanto, a redenção nietzschiana será interpretada nesse artigo como a própria música e, portanto, cabe-nos apreender o papel criador da música. E, por fim, na terceira seção, *A redenção estético musical da existência*, almejamos apresentar a estética musical nietzschiana como afirmação da vida e, neste sentido, como fruto da possibilidade redentora da existência.

Sendo assim, o problema tratado no presente artigo consiste na problematização do conceito de *redenção* compreendido em uma perspectiva que se distingue das concepções judaico-cristã e platônica. E neste sentido, buscamos entender o significado nietzschiano para esse conceito que é a chave para qualquer compreensão estético musical enquanto afirmação da vida. Ou seja, essa problemática se dará na distinção do

conceito de *redenção* niezschiano em contraposição com o conceito de *resignação* a fim de apreender o conceito de *redenção estético musical* de Nietzsche como a única possibilidade de afirmação da vida, visto que o conceito de *resignação* é, tão somente, negação da própria vida. Portanto, a centralidade da investigação desse artigo consiste na obra *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*, haja vista que nela poderemos compreender o problema da finitude que está inserido na análise do próprio conceito de *redenção* do filósofo alemão Friedrich Nietzsche.

2 O ESPÍRITO DE VINGANÇA, O CONCEITO DE REDENÇÃO E A QUESTÃO DA FINITUDE

Para Nietzsche o conceito de *espírito de vingança* (*Geist der rache*) representa, sobretudo, a tradição metafísica (representada, sobretudo, no pensamento socrático e platônico) e o cristianismo. Pois segundo ele, o espírito de vingança é, justamente, a luta contra o tempo cronológico (passado, presente e futuro), contra a transitoriedade, pautada em uma busca pelo ideal de uma perfeição que, embora almejada, nunca é alcançada. Ou melhor, o conceito de *espírito de vingança* representa a limitação e a falta de aceitação do homem diante da finitude e do vazio da existência (o poço sem fundo, a dor do homem) que se opõe contra a própria vida.

Assim sendo, *espírito de vingança* se configura na luta contra o tempo cronológico (a finitude temporal) que se efetiva na tentativa e busca pelo consolo, seja na filosofia metafísica ou na fé cristã, em uma cura (consolo) durante a vida ou pós-vida. A busca por uma espécie de consolo pode ser percebida na seguinte fala do corcunda, no discurso da *Redenção* de *Assim falou Zaratustra*: “e bem que poderias, também, tirar um pouco de cima de alguém que tem alguma coisa demais nas costas. Penso que esse seria o modo certo de fazer os aleijados acreditarem em Zaratustra.” (NIETZSCHE, 2005, p.170).

Quer dizer, nessa passagem, que é uma paródia do texto bíblico (Mateus 15:29), Nietzsche deixa claro que a cura buscada pelo corcunda trata-se de uma perspectiva do tempo cronológico, de uma concepção metafísica cristã, que objetiva, unicamente, a cura fisiológica para um problema que o aflige e, que ele, quer a todo custo um consolo; fugindo daquilo que representa qualquer tipo de dor e limitação. No entanto, o que

Nietzsche propõe no discurso *Da redenção de Assim falou Zaratustra* não é uma cura fisiológica, um consolo de uma vida finita e de dor, isto é, uma reconfiguração do modo natural de ser (Espírito de vingança), e sim, uma *recondução* do homem ao tempo compreendido como *eterno retorno do mesmo* (uma superação do homem pequeno), nomeadamente: redenção. Neste sentido, o que Friedrich Nietzsche quer dizer com o conceito de *redenção* (*Erlösung*)?

Ora, devemos compreender que o conceito de *redenção* não significa o mesmo que o conceito de *espírito de vingança*, visto que o primeiro diz respeito ao estado de recondução do homem para o nada, não enquanto sujeito (eu), mas enquanto ser no mundo, isto é, querer aquilo que é. Enquanto que, o segundo, se configura como o modo natural de ser em que o homem ao se encontrar diante do nada busca reverter aquilo que é. E neste sentido, podemos perceber que o conceito de *redenção* busca superar a dor da finitude na aceitação do que se é (homem e não um deus). Em contrapartida o conceito de *espírito de vingança* aprisiona o homem e o apequena ao almejar ser aquilo que ele não é ou, ainda, por amaldiçoar a sua condição de finitude, por não compreender que é a tensão, a luta que o faz superar a sua dor de modo afirmativo. E, portanto, superação não deve ser compreendida como fuga da condição da sua finitude temporal.

Dessarte, redenção, na perspectiva nietzschiana, é a superação tanto da concepção metafísica da tradição filosófica quanto da fé cristã: que se fundamenta na busca pela verdade e que representa para Nietzsche o declínio e decadência da vida em sua plenitude. Isso pode ser percebido pelo seguinte trecho do discurso *Da redenção*:

Eu caminho entre os homens como entre fragmentos do futuro: daquele futuro que descortino.

E isso é tudo a que aspira o meu poetar: juntar e compor em unidade o que é fragmento e enigma e horrendo acaso.

E como suportaria eu ser homem, se o homem não fosse, também, poeta e decifrador de enigmas e redentor do acaso!

Redimir os passados e transformar todo "Foi assim" num "Assim eu o quis!" – somente a isto eu chamaria de redenção! (NIETZSCHE, 2005, p.171-172).

Logo, aquilo que a metafísica e a religião cristã afirmam ser redenção para Nietzsche não passa de espírito de vingança contra a própria vida, visto que apenas com a aceitação da finitude, no sentido proposto por ele, é possível, a partir da própria vida do homem enquanto ser temporal, criar algo novo, isto é, a redenção proposta por

Nietzsche é, tão somente, a *poesis*, a criação da própria vida a partir daquilo que foi dado, daquilo que “Foi assim”. É por essa razão, que Robson Cordeiro faz a seguinte afirmação acerca do conceito de *redenção* nietzschiano:

A redenção é representada por Zarathustra como luta e tensão dos contrários e não como apaziguamento, salvação, paz, repouso, descanso eterno. A redenção, portanto, não é redenção do esforço, da luta, mas redenção no esforço, na luta. (CORDEIRO, 2016, p. 14).

Por conseguinte, a aceitação que ele propõe não é a aceitação do mesmo que busca um repouso final, mas justamente a luta constante que permite por meio do esforço conquistar o “Assim eu o quis!” que, para o filósofo alemão do século XX, é a redenção que nos é permitido conquistar enquanto homens.

Neste âmbito, as concepções que bebem do conceito de *resignação* consideram a percepção da finitude e todas malezas da vida terrena uma dor tão grande e insuportável que necessitam buscar um sentido para vida, um consolo para o sofrimento, qual seja: o fim da finitude e de toda luta. No entanto, Nietzsche ressalta, em sua obra *Assim falou Zarathustra*, que o homem submerso na resignação não percebe que sem luta a vida torna-se um declínio; destruindo, por sua vez, a própria vida.

Isto posto, Nietzsche busca mostrar no discurso *Da redenção (Von der Erlösung)* que luta e trabalho é benção e não maldição e, portanto, se opõe a concepção pregada pelo evangelho: “No suor do teu rosto, comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado, porquanto és pó e em pó te tornarás.” (BÍBLIA, Gênesis, 3:19). Ou seja, Nietzsche antagoniza com a fé cristã, pois segundo a interpretação cristã tradicional o trabalho e o esforço é visto como maldição temporária e, que por meio da salvação e perdão de Deus seria possível conquistar o paraíso (o descanso eterno). E esse antagonismo nietzschiano ao conceito de *trabalho* posto pela interpretação cristã, pode ser percebido pela seguinte citação:

E se um dia, ou uma noite, um demônio te seguisse em tua suprema solidão e te dissesse: Esta vida, tal como a viveste, vai ser necessário que a revivas mais uma vez e inúmeras vezes; e não haverá nela nada de novo, pelo contrário! A menor dor e o menor prazer, o menor pensamento e o menor suspiro, o que há de infinitamente grande e de infinitamente pequeno em sua vida retornará na mesma ordem – essa aranha também e esse luar entre as árvores e esse instante e eu mesmo! A eterna

ampulheta da vida será invertida sem cessar – e tu com ela, poeira das poeiras!” Não te jogarias no chão, rangendo os dentes e amaldiçoando esse demônio que assim falasse?

Ou talvez já viveste um instante bastante prodigioso para lhe responder: “Tu és um deus e nunca ouvi coisa tão divina!” Se este pensamento te dominasse, tal como és, te transformaria talvez, mas talvez te aniquilaria; a pergunta “queres isso ainda uma vez e um número incalculável de vezes?”, esta pergunta pesaria sobre todas as tuas ações com o peso mais pesado! E então, como te seria necessário amar a vida e amar a ti mesmo para não desejar mais outra coisa que essa suprema e eterna confirmação, esse eterno e supremo selo! (NIETZSCHE, 2008, p. 201-202).

Em outras palavras, o que Nietzsche propõe, em sua filosofia, não é uma aceitação da vida enquanto um fardo, uma maldição que terá no fim uma salvação ou uma restituição divina, uma paz eterna encontrada em um suposto paraíso. Mas, tão somente, na compreensão da vida como ela é, em uma redenção que não despreza o corpo e que não consiste na busca de uma recompensa que se fundamenta na esperança de uma existência pós vida, mas sim, uma redenção na própria vida; que só é possível na compreensão do eterno retorno do mesmo, na abertura para o nada, na compreensão daquilo que é silenciado pelo cotidiano.

Logo, o que ele objetiva é uma restauração da vida enquanto homem que vive sua finitude e transitoriedade, e não enquanto desprezo da natureza humana que deveria ser mudada ou mesmo transformada em um deus perfeito. Portanto, o conceito de *redenção* não deve ser confundido com o conceito de *resignação*, e sim, vista como a valorização da própria vida e do homem. E, por sua vez, é neste contexto, que devemos compreender o problema da finitude.

3 O ASPECTO CRIADOR DA MÚSICA: DO ESPÍRITO DE VINGANÇA À ABERTURA PARA OUVIR AQUILO QUE É SILENCIADO PELO COTIDIANO

Vimos que as concepções que objetivam se vingar da vida, devido ao seu caráter de finitude, faz com que o homem não consiga ouvir o aspecto criador da música, enquanto afirmação da vida, pois a motivação cristã e da metafísica inflige uma surdez, que o submete aos apelos do cotidiano, que o impossibilita de escutar a vida em sua magnitude.

Destarte, o papel da música na filosofia de Friedrich Nietzsche não é o mesmo que o espírito de viagem, que é apenas negação da vida. Mas sim, a superação da dor da finitude. A superação dessa dor se dá na redenção que é, simplesmente, a capacidade de transformar a dor da finitude em uma dor produtiva, visto que “A dor produtiva, o sofrimento transfigurado, a vida gerando mais vida e a vida eterna, eis o que representa o drama musical grego” (DIAS, 2005, p. 67). Ou seja, a música para Nietzsche pode ser interpretada como a mais pura superação da dor, haja vista que a tragédia nietzschiana não denota o mesmo que em Aristóteles (*cartase*), mas, tão somente, a superação da dor da finitude em toda a sua complexidade e contradições. E nesse sentido, a arte musical assume papel criador da vida enquanto a forma mais pura de afirmação da vida existencial. No entanto, assumir o mesmo papel que Zaratustra assume na obra nietzschiana não é algo que depende, propriamente, de nossa escolha, pois o momento para ouvir se abre e se fecha para nós a todo instante como uma luta que devemos travar eternamente.

Neste contexto, cabe ao homem superar os obstáculos de sua limitação, qual seja: a necessidade gerada pela metafísica de fugir dessa dor, o anseio de ser salvo a fim de alcançar uma paz perpétua ou até mesmo de se vingar da vida por não suportar a dor gerada pelo seu estado de finitude e transitoriedade. Portanto, o que Nietzsche nos convida, com Zaratustra, é perceber que a vida não é uma maldição ou etapa transitória para um mundo divino, mas sim, algo maravilhoso, que enquanto homens temos a oportunidade de vivenciar. Vivência essa que só é possível na abertura para aquilo que é, na abertura para ouvir além do que é posto pela rotina e o cotidiano ensurdecedor. Contudo, cabe-nos compreender que está nesse movimento para escutar a música da vida, é a única possibilidade de redenção factível ao homem que leva a afirmação da vida.

Neste âmbito, tendo compreendido o conceito de *redenção*, a sua distinção do conceito de *espírito de vingança* e sua oposição ao conceito de *resignação* é possível entender como o conceito de *redenção* proposto por Nietzsche assume papel de criador da vida, visto que a sua concepção filosófica não pretende inferir a verdade, isto é, obedecer regras lógicas de argumentação que objetivam demonstrar de modo

matemático ou proposicional a verdade absoluta, mas, tão somente, reafirmar que o quê tem valor é a própria vida; que é dada como presente e que a partir dela é possível criar algo novo.

Aliás, para Friedrich Nietzsche o conceito de *redenção* é, justamente, a recondução do homem para essa perspectiva em que ele pode criar, fazer surgir algo novo daquilo que já foi criado e já é. E neste sentido, o conceito de *redenção* não assume o papel de aceitação, no sentido de resignação², mas sim, a função de criador da vida em toda a sua plenitude: é a possibilidade de abandonar-se ao nada, ao pensamento criador, à *poesis*³.

Nesta conjuntura, as concepções que representam o espírito de vingança contra vida, por exemplo, a metafísica e o cristianismo, colocam um ideal que deve ser seguido por todos. E, neste âmbito, se nos é colocado um ideal, um modelo que deve ser seguido universalmente por todos, só nos resta imitar e, portanto, nessa perspectiva não há como desenvolver o aspecto criador da vida, visto que só há espaço para reprodução imitativa de um modelo ideal. Nietzsche, porém, propõe o papel criador da vida e não uma mera reprodução imitativa que na verdade apenas sufoca a vida, causando ainda mais dor.

No que tange a importância do papel criador da vida para o filósofo alemão Nietzsche podemos verificar uma passagem em que ele destaca a diferença entre o conceito de *gênio*⁴ e o conceito de *erudito*⁵, haja vista que essa distinção torna ainda mais clarividente a relevância do papel criador da vida em detrimento ao papel imitativo de um ideal impossível de se alcançar. Sendo assim, segue abaixo a citação em que Nietzsche traça a diferença entre o papel do gênio e o papel do erudito ao se referir a *grande orelha* como sendo o símbolo da especialidade e erudição:

² Como vimos na seção anterior.

³ Poesis significa composição. No entanto, não devemos compreender “composição” no sentido de fazer rima, melodia, de construir sonoridade. Mas, sobretudo, como mostrar a força geradora do poema, o ato criador da vida. É, justamente, ir além do ouvir fisiológico, isto é, passar ao ouvir metafísico, qual seja, compreender o que está silenciado.

⁴ Para Nietzsche o gênio é aquele que possui o papel criador da vida, considerando que, para ele, o gênio é capaz de criar a partir daquilo que a vida dá. Sendo, portanto, a mais pura demonstração do valor criador da vida em sua magnitude.

⁵ No que diz respeito ao erudito, Nietzsche, ressalta que embora o erudito possua demasiada respeitabilidade ele não tem assume o papel de criador da vida, haja vista que ele é não cria nada de novo. O erudito apenas reproduz aquilo que já existe, pois diferente do gênio o erudito nada compreende e, sem a compreensão da vida é impossível criar.

E, quando saí da minha solidão e passei, pela primeira vez, nesta ponte, não acreditava nos meus olhos e olhei e voltei a olhar e, por fim, disse: “Isso aí é uma orelha! Uma orelha grande como um homem!” Olhei melhor: e, realmente, debaixo da orelha, movia-se alguma coisa, que dava pena, de tão pequena, grácil e mirrada. E, na verdade, a monstruosa orelha achava-se sobre um pequeno, fino caule – mas o caule era um homem! Quem pusesse uma lente diante do olho poderia, até, reconhecer ainda um pequeno rosto invejoso; e, também, que uma túmida alminha balançava no caule. O povo me disse, porém, que a grande orelha não era somente um homem, mas, sim, um grande homem, um gênio. Mas eu nunca acreditei no povo, quando ele falava em grandes homens – e guardei minha persuasão de que aquele era um aleijado às avessas, que tinha pouquíssimo de tudo e demais de uma só coisa. (NIETZSCHE, 2005, p. 170-171).

Neste sentido, podemos concluir que o erudito é aquele que Zarathustra denomina de aleijado às avessas (caracterizado pela total deformidade) considerando que, ele se move pelo espírito de vingança contra a vida, que é movido por inveja e arrogância, visto que ele apenas se apropria do alheio e não tem nada de próprio e criador para oferecer. E, por essa razão, trata-se do pior tipo de deformidade (cuja deformidade não é corporal, mas sim, em seu próprio espírito). Dessa forma, o erudito, para Nietzsche, é o homem mediano da ciência, aquele que é especializado em apenas uma coisa e desconhece as demais. No entanto, o gênio é aquele que se permite criar a partir do que já é dado, é aquele que reconhece o “Foi assim!” como “Assim eu o quis!”.

Por conseguinte, o único modo do homem passar do espírito de vingança contra vida à redenção criadora da música, dado seu caráter intrínseco de finitude, é superando as amarras da dor aprisionante de querer mudar aquilo que o faz ser homem (a finitude) e, aceitar enquanto redenção e não resignação a sua finitude e assim querer. É neste contexto, que o poder criador da música enquanto afirmação da vida faz superar a dor limitante e ouvir a musicalidade redentora do “Assim eu o quis!”.

4 A REDENÇÃO ESTÉTICO MUSICAL DA EXISTÊNCIA

Rosa Dias faz a seguinte afirmação, logo no prefácio da sua obra *Nietzsche e a música*, com relação ao papel criador da música no pensamento de Nietzsche: “a música sempre ocupou um lugar central na estética de Nietzsche que, durante toda a sua vida, buscou sempre desmascarar qualquer subterfúgio que pudesse desviá-la de sua

finalidade: a afirmação da existência” (DIAS, 2005, p. 11). Sendo assim, compete-nos compreender o papel da música na criação da vida, na afirmação da existência.

Em vista disso, afinal, o que Nietzsche entende por música?

A estrutura musical é mais do que a presença amorfa de um sistema de regras e diretrizes estilísticas. Ela comunica sempre algum estado, porque sua possibilidade de comunicar foi dada pela ordenação recebida de quem a produziu. Neste sentido, o músico original não se confunde, para o filósofo alemão, com aquele que, em nome de seus próprios arroubos, dedica-se apenas à tarefa de transgredir as regras tonais, mas com o artista que, conferindo um ponto de aplicação ao inextirpável caos de seus impulsos, subverte e inova os princípios compositivos a partir das próprias regras. (BARROS, 2006, p. 19).

Em outras palavras, para Nietzsche, a música é a mais pura criação da existência e, portanto, não se limita aquilo que compreendemos por música no sentido estrutural, isto é, o escrito de notas (que representam sons) delimitadas pelo espaço do pentagrama e que se dividem em compassos e, por sua vez, que seguem regras tonais⁶, rítmicas, melódicas e harmônicas, como exemplo, as composições tonais de alguns célebres compositores: Antonio Vivaldi (1678-1741), Johann Sebastian Bach (1685-1750) e etc..

Contudo, o que Nietzsche afirma por música não deve ser interpretado como sendo uma crítica a composição musical tonal e, conseqüentemente, uma defesa as composições atonais, isto é, composições que não seguem as regras da tonalidade padrão previamente definida ou que objetivam, tão somente, a transgressão dessas regras tonais. Mas, o que Nietzsche pretende nos dizer é que independentemente das regras estilísticas o que determina o significado e valor da música é sua característica de comunicar afetos e sensações. E neste sentido, o que representa a música é o seu poder de comunicar o que é intrínscio ao homem e que leve a afirmação da vida e, por isso, a música não deve estar ligada a fins de apequenar o homem em condutas que são a negação da própria vida e da existência.

No que tange, ainda, o conceito de *música* nietzschiano podemos perceber que ele chama a atenção para a diferença do poder criador do artista, que deve ser refletido

⁶ A tonalidade da composição musical é determinada pela clave e, sobretudo, pelos acidentes (sustenidos e bemois) colocados logo em seguida da clave, essa por sua vez, é determinada pelo timbre do instrumento. E ela pode ser: clave de sol, clave de dó em terceira linha, clave de dó em quarta linha e clave de fá).

em toda vivência, haja vista que “nas sensações mais corriqueiras atua o nosso poder inventativo e a nossa alma de artista” (CORDEIRO, 2016, p. 61), em contrapartida, no que concerne a especialidade técnica da música ou ao artista enquanto especialista (referente a atividade mecânica, imitativa e reprodutiva) esse papel criador e inventativo não existe. Isto é, o que está em cheque aqui é a compreensão de que até mesmo uma atividade artística pode ser depreciativa, fragmentada e uma negação da vida quando feita sem entusiasmo criador e afirmador da vida e, além disso, que o nosso viver em geral pode ser fundamentado no redentor aspecto criador da música, pois o que está em jogo na existência afirmativa nietzschiana é o valor do instante, do agora. A esse respeito Robson Cordeiro faz a seguinte afirmação:

A apatia, o desânimo, o não entusiasmo com a vida é sua forma de afeto e por isso ele se encontra fragmentado e disperso, pois não consegue dar destinação a si mesmo desde uma afirmação do viver, ou seja, desde uma afirmação do fato, diríamos do *factum* mais elementar de que a vida é afeto e que por isso não é coisa alguma, mas está sendo. Reconhecer esse *factum*, amá-lo (*amor fati*), é reconhecer a finitude e transitoriedade de toda forma de vida, de toda avaliação, de todo valor e moral. (CORDEIRO, 2016, p. 62).

Portanto, a questão da finitude no viés da estética-musical da existência deve ser compreendida no sentido de que só quando o homem viver segundo esse entusiasmo criador e redentor é que ele pode desfrutar da vida enquanto *instante*. E neste contexto, o problema da finitude é enfrentado como sendo abertura e possibilidade da própria existência e não como desencadeador de dor e sofrimento que é a própria negação da vida. É nesse sentido que devemos compreender a célebre frase de Nietzsche: “A vida sem a música é simplesmente um erro, uma tarefa cansativa, um exílio”⁷, pois é na abertura para ouvir a música da vida que o homem é completo, que sua existência passa a ter sentido afirmativo.

5 CONCLUSÃO

Consequentemente, podemos concluir que o conceito de *redenção* na filosofia de Nietzsche significa a recondução do homem para a vida enquanto instante⁸ e, neste âmbito, a redenção é a compreensão de que a vida é aquilo que estar por se fazer, que

⁷ Nietzsche, Carta a Pete.Cast, Nice, 15 de janeiro de 1888.

⁸ Instante, para Nietzsche, não significa o “agora”, considerando que o “agora” representa a separação entre o passado e o futuro, aquilo que já apareceu. Mas sim, o renascimento da arte de ouvir, é estar na abertura, estar lançado para aquilo que vier ao encontro.

é ponte, travessia e, que, ela não é aquilo que já está dado como pensa o homem pequeno e, muito mesmo, ainda, algo que se conduz para além da vida. Digo, o conceito de *redenção* nietzschiano denota a extrema valorização do homem enquanto homem, pois, contrariamente a concepção metafísica tradicional e da religião cristã que subjulga o homem ao pecado e o considera como uma natureza inferior em busca de uma aproximação com um Deus perfeito e superior, a concepção de *redenção musical* de Nietzsche permite ao homem superar o sofrimento da sua condição finita porque essa *redenção* estético-musical permite ao homem, a partir daquilo que é dado, criar o novo, isto é, na estética-musical nietzschiana é possível uma *redenção* que proporciona a afirmação da existência do homem em toda sua plenitude criadora.

Neste sentido, acreditamos que Friedrich Nietzsche defende, em sua filosofia estético-musical, que a valorização da existência humana não se dá por meio da negação do corpo e da vida, haja vista que seu objetivo não é iludir o homem com relação a sua dor prometendo-o algo para além dela mesma, pois no fundo essas promessas só conseguem aumentar ainda mais a dor de sua finitude existencial. Portanto, Nietzsche denuncia toda tentativa de dissimular essa dor, que faz parte do homem, e que no fundo essa tentativa de dissimular só faz com que o homem sofra ainda mais e limite, cada vez mais, a sua natureza, visto que a vida do homem só pode ser plena pela luta da própria existência e não pela tentativa de fugir daquilo que pode fazê-lo ver e ouvir de fato a música afirmativa da vida. Assim sendo, a título de exemplo da antagonia dessas interpretações da condição limitante temos, representado no Zaratustra, a corcova do corcunda, que se interpretada na perspectiva nietzschiana pode aumentar o valor do corcunda em seu âmbito existencial, mas se essa condição, que não se reduz a sua fisiologia, mas também o seu espírito, for negada e tentar combater essa limitação, tão somente, na esfera fisiológica só irá produzir negação da própria vida e jamais a superação nietzschiana.

Logo, o conceito de *redenção* na perspectiva estético-musical de criador da vida não pode ser interpretada como um apaziguamento das mazelas e das doenças fisiológicas, mas unicamente, como a luta entre a consciência natural⁹ e a consciência

⁹ A vida natural representa o “povo” no discurso *Da redenção* de Nietzsche. Mais, especificamente, a vida natural é o estar mergulhado no viver, na ocupação e que por isso não consegue vê a vida que está silenciada e que se apresenta a todo instante.

real¹⁰, isto é, a vida só pode ser redimida na tensão do próprio espírito que exerce violência. Pois, considerando que a vida é a tensão entre o Ser e o Nada, Nietzsche pretende denunciar que a tradição filosófica apenas proporcionou o afrouxamento do arco, que representa o rompimento dessa tensão e, por sua vez, criou uma oposição que supervaloriza uma dimensão em detrimento da outra. Por conseguinte, o objetivo do discurso *Da redenção* de Nietzsche é restaurar a vida enquanto luta e, sobretudo, de enfatizar a valorização de ambas dimensões; levando, assim, a redenção do homem enquanto homem e não enquanto aquele que busca destruir sua própria natureza para se tornar um ser divino, que ele nunca poderá ser enquanto homem.

Dessarte, ao tratarmos, brevemente, ao longo desse artigo da oposição entre a filosofia nietzschiana e à metafísica platônica e ao cristianismo, pudemos compreender como Nietzsche consegue defender a tese de superação da dor da finitude sem recorrer à concepções de cunho metafísico e religioso que, segundo ele, só conseguem degradar a existência do homem e, por sua vez, negar a vida. Logo, podemos afirmar que foi possível compreender o problema da finitude da existência do homem e a possibilidade de *redenção* no pensamento de Friedrich Nietzsche à luz da hipótese de que o conceito de música tem a função, em sua filosofia, de afirmação da vida, visto que esse conceito assume o papel de criador da vida enquanto possibilidade de redenção da existência e superação da dor da finitude.

REFERÊNCIAS

BARROS, Fernando de Moraes. **O pensamento musical de Nietzsche**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de estudo Almeida**. São Paulo: Sociedade bíblica do Brasil, 2017.

BOHUMIL, Med. **Teoria da música**. Brasília: Musimed, 1996.

CORDEIRO, Robson Costa. **Espírito de vingança e redenção da vontade em Assim falou Zaratustra**. RS: Editora Fi, 2016.

¹⁰ A vida real é a inquietação para sair do natural, é justamente ela que leva ao nada, a um estranhamento do que parecia ser real, mas era apenas a superficialidade da vida cotidiana.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche e a música**. São Paulo: Disursão Editorial, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**.

Trad. Mario da Silva. RJ: Civilização brasileira, 2005.

_____. **A gaia ciência**. Tradução Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2008.

_____. **O caso Wagner: um problema para músicos/Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de bolso, 2016.